

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
Com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras literarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

# O POVO D'OVAR

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.  
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.  
Repetições..... 20 rs. linha  
Annuncios permanentes 5 »  
Folha avulso..... 40 reis

## A EXPEDIÇÃO

Embarca para a Africa a expedição militar. O espirito publico reclama para ella as ceremonias religiosas, que precederam a sahida da frota de Vasco da Gama quando demandou a India. Voltamos a sonhar com as grandezas dos seculos passados: sonhamos e não queremos vêr a realidade.

O ultimo emprestimo disse que as praças estrangeiras nos fechariam em breve as suas portas se não tratassemos de fazer fundas economias. Os prestamistas exigindo, como penhor do seu capital, o rendimento dos tabacos pozeram um freio ao regabofe nacional, que se traduzia em continuas despezas com os amigos, e cortaram as azas aos que levados por patriotismo exagerado, imaginavam conquistas disparatadas.

As duas questões importantissimas que o anno de 1890 nos legou—a ingleza e a financeira—collocaram-nos em sobresaltos, deram-nos alguns mezes de vida amargurada, mas foram deveras proveitosas para o nosso modo de vida interno. A ingleza mostrou que para nada servia o exercito com que todos os annos gastavamos milhares de contos, que estava falto de tudo quanto é indispensavel para uma campanha: que a marinha andava desmantelada, faltavam navios e soldados; que as colonias viviam ao *Deus dará*, com uma pessima administração em que os abusos eram innumerados, com que só medravam os syndicateiros e os negociantes do Estado. A financeira condemnou toda a administração interna—administração de morgado em que vimos vivendo desde a implantação do systema liberal. Fomos estbanjando loucamente o dinheiro, perdendo uns partidos os erros dos outros, porque todos tinham eguaes culpas, até que os de fóra nos pediram garantias para o seu dinheiro.

Já o ministerio regenerador tomou providencias para reformar a marinha, augmentando-a com alguns vasos de guerra: passou á inactividade os officiaes superiores do exercito, que sómente estavam servindo de empecilho para o bom serviço.

Com estas medidas augmentou consideravelmente as despezas, mas em nome da salvação publica exigiu do povo um sacrificio tributario, que as suppre por completo. Não teve duvida em sacrificar uma parte da sua popularidade ao bem da nação, sacrificou-a.

O actual ministerio, quando subiu ao poder prometteu fazer economias, seguir n'este ponto caminho differente do dos outros governos. Apenas commecçou o

seu programma, depois... depois deixou-se embalar nos sonhos da ambição de formar clientella politica e lá vae seguindo a esteira dos seus antecessores.

Apanha-o em flagrante contradicção com o seu programma a exigencia dos prestamistas.

\*

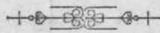
Quanto nos custa essa pequena expedição africana?

Rios de dinheiro que nos era muito necessario attentas as grandes difficuldades com que luctamos. Importa um sacrificio que não podemos supportar.

Fica-nos muito penosa e não produz effeito algum, se não como mero aparato militar; porquanto ou esses soldados vão para combater e então são poucos de mais por causa da vastidão das nossas colonias africanas do oriente, ou não vae para combater e n'esse caso era perfeitamente escusada.

Estamos convencidos de que a força militar, que vae partir, não entrará em combates serios nem contra a companhia ingleza nem tão pouco contra os regulos dos nossos dominios, que facilmente põem em pé de guerra e rapidamente 10 a 20.000 homens. Se entrasse essa expedição seria apenas a primeira; atraz d'ella teriam de partir muitas outras, que lá ficariam victimadas pelo calor e pela doença, e a nossa Africa não seria mais do que a repetição do que foi para nós a India—o sorvedouro da nossa riqueza e das nossas vidas.

Queriamos vêr em breve esses soldados ensarilhar as armas e tomar enchadas e alviões—os instrumentos do trabalho. Transformados de soldados em trabalhadores exerceriam uma função mais sympathica e mais humanitaria. Era mais agradavel vêr partir uma expedição colonial do que uma expedição militar—custaria menos dinheiro e seria mais proficua em resultados.



## Novidades

**Variola.**—Continua grassando com grande intensidade a epidemia da variola.

Agora desenvolveu-se por todas as ruas, partindo dos bairros piscatorios, aonde se circunscreveu durante muito tempo.

Teem-se vacinado muitas pessoas.

**Fallecimento.**—Falleceu no fim da semana passada Carlos Valle, filho mais novo do sr. Antonio Rodrigues do Valle.

Damos a sua inconsolavel familia sentidos pezames.

Alguns rapazes, amigos do finado, depõem na sua sepultura

uma corôa de flores, e mandam não resar uma missa por seu eterno descanso.

**«Mercantil».**—Visitou-nos este nosso collega de Loanda.

O «Mercantil» dedica-se á defeza e prosperidade dos nossos colonos, especialmente aos da Africa occidental, e com isto presta a toda a nação um incomparavel serviço.

Agradecemos a fineza da troca.

**Transferencia.**—Foi transferido para Santa Martha o nosso amigo Antonio Santos escripturario da fazenda n'este concelho.

Com certeza não param aqui as violencias politicas, que o ministerio *extra-partidario* promette fazer no nosso circulo.

A verdade é que o governo já não encobre a sua feição progressista. Antes assim: antes o queremos ver a arcar de frente com as responsabilidades, do que estar escondido por detraz de um programma incolor. E' formado de homens fortes e de nome: as pastas de favores politicos estão nas mãos da gente progressista: por isso toca a montar a machina eleitoral á vontade, sem rebuço.

### Missa e distribuição de esmolas

—Na quarta-feira resou-se na igreja matriz a missa do 7.º dia por alma de José Pinto da Cunha Teixeira, distribuindo-se ne fim uma importante quantia em esmolas pelos pobres da nossa freguezia, segundo as disposições testamentarias do fallecido.

Era muito o povo que se apinhava no adro da igreja á espera das esmolas. Então poderia ver-se o grande numero de pobres que ha na nossa villa.

**Aggressão.**—Extrahimos do nosso collega a *Voz de Estarreja* o seguinte:

«Quando o redactor d'este jornal, Alvaro Dias, se dirigia, na sexta feira ultima, pelas 4 horas e meia da tarde, a casa do sr. morgado da Povoia, onde lecciona um menino, foi, perto d'ahi, assaltado pelo proprietario do *Estarrejense*, José Mortagoa, que de espingarda em punho e coadjuvado por outro individuo, aggreuiu brutalmente com essa arma o nosso collega, no proposito talvez de assassinal-o.

Chamamos, pois, a attenção da justiça para este crime, na certeza de que ella saberá punir rigorosamente o culpado».

«Diz-se que fervilham cá pela villa grandes empenhos que favoreçam a impunidade do crime de José Mortagoa, proprietario do *Estarrejense*, praticado na indefeza pessoa do nosso collega Alvaro Dias.

Esses empenhos são devidos aos *figuões* do Passo e das Amo-

reiras, que commungam na *sachristia* progressista.

No entanto, confiando na imparcialidade e justiça dos nossos meratissimos magistrados, é de crer que tal impunidade se não consiga.»

**Declaração.**—Recebemos a seguinte carta:

Snr. Redactor.

Tendo alguns cavalheiros d'esta villa propalado ser eu o correspondente do seu muito illustrado jornal, peço o V. a fineza de declarar que sou completamente alheio a taes correspondencias e nem tam pouco assiguante do jornal.

Regoa, 12 de janeiro de 1891.

Seraphim d'Assumpção.

Não estamos acostumados a fazer declarações d'este genero. Nem agora a fariamos se antes de receber a carta do sr. Seraphim d'Assumpção tivessemos publicado o que ali fica dito.

Seja, pois, esta a primeira e ultima declaração a respeito do correspondente da Regoa—o sr. Seraphim d'Assumpção não é o nosso correspondente n'aquella localidade, nem tão pouco temos a honra de o conhecer.

Deus nos livre de que os castigados pelas correspondencias estivessem a imputar ora a um ora a outro cavalheiro éssas correspondencias e elles viessem vez á vez a pedir declarações. O nosso jornal, que é de pequeno formato não as poderia conter e por isso ficavamos privados de tratar de outros assumptos.

**Doença.**—Está gravemente enferma a esposa do nosso amigo Manoel Rodrigues Populin.

Receia-se que d'um momento para o outro falleça.

**Sardinha.**—Cada vez se apresenta com aspecto mais desanimador o nosso mercado da sardinha.

Tem sido grande a importação d'este peixe pescado em outras praias.

**Estado sanitario.**—Tem peorado consideravelmente o estado sanitario da nossa villa.

Todos os dias ha defunções.

**A bica.**—Cumprimos um tristissimo dever ao declarar que a famosa bica da Praça ainda não dá agua alguma.

**Tempo.**—Tem feito um frio extraordinario, verdadeiramente insupportavel.

Resulta d'isto que os nossos lavradores se veem em apuros para arranjar pastagens para os seus gados.

Quinta-feira começou a soprar vento forte do lado do norte.

Será isto indicio de mudança do tempo? oxalá.

**Recenseamento da população.**—Cremos que em nenhum concelho se fez com mais escrupulo de que no nosso o recenseamento da população. Não só os agentes empregaram os maximos esforços para desempenhar bem a sua trabalhosa obrigação, mas até os habitantes forneciam com a melhor boa vontade todos os esclarecimentos necessarios.

D'este modo o recenseamento da população d'Ovar, publicado na estatistica deve approximar-se muito da verdade.

**Erratas.**—Muitos foram os erros da typographia no numero passado do nosso jornal, especialmente no seguudo e terceiro artigo, Vamos notar dois dos mais salientes.

No segundo artigo diz-se que foram 26 ou 27 os quarenta maiores contribuintes que assistiram á eleição, quando nós escrevemos que tinham sido 23 ou 24. Podemos agora confirmar que foram apenas 24.

No terceiro artigo e quasi no final quando se diz—*poucos* adversarios de sr. Antonio Cunha—deve lêr-se *somos* adversarios.

Aos nossos bondosos leitores pedimos desculpa d'estas faltas involuntarias.

**Estrada.**—Está bastante arruinada a estrada que da Farrapa d'esta villa vae até Vallega.

A quem compete pedimos providencias.

**Estrumada.**—Continua o roubo na estrumada. O abuso entrou ha muito em uso e costume e agora já não se corrigem os que da rapina costumam viver.

**Yankee!**—*Singular interview com um jogador de socco.* Sebe-se que o celebre jogador de socco norte-americano John Sullivan se fez ha pouco actor.

Um jornalista de Nova-York teve a desastrada ideia de o ir interviewar em Milwankee, e Sullivan, logo ás primeiras palavras, afim, certamente, de lhe demonstrar que nada havia perdido do seu passado vigor, estendeu-o sem sentidos com um murro em pleno rosto.

O jornalista pôde ao menos ficar bem informado da urbanidade e delicadeza de maneiras d'aquelle que ia interviewar.

**A gréve na Escocia.**—Os empregados em gréve das companhias do caminho de ferro da Escocia celebraram hontem diferentes «meetings», em que foram propostas moções violentas.

Os representantes das «Associações do Trabalho» felicitarão os grévistas por terem desorganizado o trafico, e por terem merecido a sympathia do publi-

co. John Burns estiamatou a perfidia e a deslealdade dos empregados que não abandonaram o trabalho.

Em S. Luthes realisou-se tambem nm grande «meeting», das «Trades Unions» de Londres, sob a presidencia de Michael Davitt, com o fim de auxiliar os grévistas.

Foram votadas propostas promettendo o apoio moral e material dos grévistas, condemnando a tyrannia da administração dos caminhos de ferro escocezes e fazendo appello ao soccorro publico.

**Um escandalo.**—*Sequestro—Funcionarios compromettidos.* Foi depositada na perfeitura de policia uma denuncia do seguinte crime:

Um medico, um commissario de policia e uma dama, afim de se apoderarem de 50:000 francos pertencentes a M. S..., fizeram-no passar por doudo e encerraram-o n'um manicomio.

Instrue-se activamente o processo d'este escandalo crime.

## Litteratura

### O MEDICO

Havia no brilho do seu olhar profundo a austeridade servil d'uma longa concentração séria. O porte era magestoso—um porte digno de carta de conselho e d'uma tiradella de chapéu... A maneira correcta do seu dizer, a estatura epica dos seus pensamentos, o alisar do cabello, a *nonchalance* do vestuario—uma profunda pouca importancia ás mesquinhas da vida—davam-lhe o tom extremamente serio de um Carlinhos já homem, acostumado ás auctoridades das coisas publicas, onde se crusam sobrecasacas e se vendem consciencias.

Os brinquedos dos bebés eram para elle a expressão chôcha d'um estylo almiscarado, tresandando a cueiro, desculpavel apenas na primeira infancia da sciencia da educação. Achava preferivel á improductiva distração das classes nascentes—como elle usava dizer—uma solida educação de principios, todo um firme fundamento de coisas sãs, sem falsos.

Ao olhar-lhe a cabeça, o bom do senhor cura exclamava.

—Seria assim a cabeça do Santo Agostinho?...

E deixava-se ficar contemplativo ante aquellas suaves cabellos loiros, que espreitavam alegremente sob a gôrra azul bordada a ancoras escarlates.

A familia—desde o pae ao porteiro—tinha por o Carlinhos um digno respeito de timidez, ao considerar-lhe a profundeza do olhar intelligente e a maneira superior do seu porte austeramente alevantado.

Havia, n'aquelle cerebro, de creança-philosopho, a aspiração precoce d'um grandioso ideal, um sonho augusto, que era como que o desfecho glorioso d'uma vida heroica de trabalhos, em luta com os preconceitos da educação do nosso tempo.

Na suprema guerra levantava contra essa assustadora *avan-*

*lache* de preconceitos, Carlinhos começava por ter um profundo odio á maneira geral de fazer adormecer as creanças á hora em que as gallinhas recolhem.

E pensava:  
—A noite—o periodo fadado para as concentrações serias e dignas! O estudo, o trabalho... Luctaroi contra meu pae, contra todos os precéptores, que entendam sujeitar-me á triste condição de ir para a cama ao bater das Trindades...

E um dia que alguém notou que o Carlinhos trazia as pestanas queimadas, elle teve uma alegria verdadeira e tomou uma altivez proeminente, dizendo:

—Queimei-as na banca do estudo!

A irmãsita tinha um genio inteiramente diverso do do Carlinhos. O seu pensar delimitava-se exclusivamente ao mundo das bonecas—umas nostalgicas creancitas sem tino, recolhidas no gavetão da commoda, onde comiam, onde dormiam, onde passeiavam, onde mostravam as suas mais ricas *toilettes* de luxo. E junto das suas amigas, a pequena via passar Carlinhos n'um passo bem medido, pesado até, que tinha muita semelhança com o andar do papá quando vinha de sapatos de feltro.

E tudo era aconselhar-lhes que respeitassem o irmão, não se esquecessem nunca de lhê fazer os seus cumprimentos quando por ventura o encontrassem lá fóra, na sala de meza ou na sala de costura.

E dizia-lhes baixinho ao presentir o irmão:

—Ahí vem o senhor doutor!...

E Carlinhos passava ufanosamente, parecendo não caber na sala—gravemente, a dar-se ao respeito.

Um dia a Thereza adoeceu gravemente. Era uma criada de estimação, muito servil, que facil não seria encontrar outra que a substituísse no seu mister. Chamou-se o dr. Pedro—um medico muito pequenino, de intelligencia soffivel, que era velho medico da casa. Quando entrou, a Thereza mal dava accordo de si: uma profunda prostração, que condoia o coração dos amos.

O Carlinhos todo o dia estivera junto da infeliz doente que era sua amiga verdadeira, uma d'entre a familia que mais respeito sabia ter publicamente para a intelligencia do pequenino amo. Em saude, não se cansou nunca lhe atirar elogios a respeito de tudo. Agora, coitadita! alli estava tristemente com os pés quasi na sepultura, entregue apenas aos carinhos da sua familia e cuidados do dr. Pedro; e tudo isto era nada ante a grividade da doença.

Carlinhos queria salva'la. Que gloria não alcançaria salvando a Thereza!

Uma receita que o dr. Pedro deixou sobre a banquinha, olhou-a com desprezo, porque tinha convicção de que alli não estava coisa de geito.

—Água de malvas ou papas de linhaça...

E teve tentação de o rasgar.

O dr. Pedro sahira. O pequeno continuou a pensar na manei-

ra efficaz de salvar a sua velha amiga.

Apertou-lhe o pulso; tinha febre.

E pensou:  
—Para saber-se o gráu da febre ha um instrumento...

E correu a casa do dr. Santos—um medico novo, chegado ha pouco da escola, e posto alli n'um dos partidos municipaes como um caustico para o collega dr. Pedro, velho desconhecido.

O novo medico não teve escrupulo em emprestar um thermometro ao Carlinhos que teve o cuidado de o implorar em nome do pae.

Seguiu para casa. Fuzilava-lhe no olhar o brilho diamantino d'um raio estranho. Havia alli não sei que de mysteriosa revelação, que talvez fosse a perspectiva d'um grande milagre.

Sin, era elle que ia diagnosticar a Thereza, conhecer-lhe a febre por meio d'aquelle maravilhoso instrumento, e em seguida apresentar um relatorio até-para que a medecina com cartas e formatura desse então a sua receita, fundamentada nas suas previas laborações.

Entrou no quarto da doente. Lá estava ella, n'uma quasi suffocação, talvez n'um ultimo suspiro a passar d'esta para melhor.

Felizmente que o salvador alli estava; ainda vinha a tempo de arrancar das garras da morte aquella infeliz Thereza, tão velha e tão amiga.

E metteu-lhe o thermometro, debaixo do braço.

Precisamente n'este momento, a Thereza falleceu, espesinhando o thermometro contra o peito.

O Carlinhos, espavorido, com horror d'aquelle cadaver ainda quente, fugiu pelo quarto fóra, exclamando:

—Ora esta só pelos demonios. E o dr. Santos?... Que desculpa lhe hei-de dar?

E cahiu de cama, com febre.

14—10—90.

GERVASIO GAMA.

## CORRESPONDENCIA

REGOA, 12 DE JANEIRO DE 1894

(Do nosso correspondente)

### A eleição dos 40 maiores contribuintes.

Não estamos vivendo em terra civilisada, não estamos vivendo n'uma povoação sequer medianamente instruida, não estamos vivendo no uso da liberdade que tanto nos custou a alcançar, não estamos vivendo em Portugal, não habitamos a Europa! Estamos vivendo em pleno sertão africano, em meio das mais barbaras tribus selvagens. A ordem, a legalidade, o pundonor, a justiça, a dignidade, a honra, o direito sagrado dos cidadãos é desconhecido, é ignorado, por uma caterva de salteadores das liberdades publicas postergadas e espesinhadas pelo administrador d'esse concelho, de braço dado com o snr. Diogo de Macedo, chefe de uma patrulha politica sem valôr nem importancia!

E' revoltoso, é repugnante, é altamente extraordinario, d'um egoismo espantoso o que se passou na eleição da commissão do recenseamento no dia 8 do corrente á porta dos paços do concelho.

Um grupo de bandoleiros armados de revolvers, punhaes, grossas bengalas, capitaneados pelo snr. Diogo de Macedo, com pleno consentimento do administrador do concelho que para isso lhe passou poderes descriptoriaes, prohibiram á mão armada a entrada no edificio da camara a 17 eleitores 40 maiores contribuintes que em pleno uso dos seus direitos civis e politicos pretendiam votar.

Arreda, vociferaram os malandros alugados, n'uma gritaria infernal, insurdecadora e terrivel.

Para mais completar o quadro da miseravel infamia, para maior gaudio e satisfação dos instinctos perversos e malvadas intenções do snr. Diogo de Macedo, mandára o snr. Borges, administrador do concelho, postar junto dos paços do concelho uma força militar de 30 praças, sem duvida para com ella mandar espingardear o povo que pacificamente e n'uma attitude serena, aguardava o desfecho d'aquellas criminosas violencias, como se a vida dos 17 eleitores lhes pertencesse!

Isto é o cumulo das barbaridades, é o cumulo das vilanias, é o cumulo da malvadez, é o descaço d'uma auctoridade sabuja e reles, é o cumulo d'um misero vilão, d'um hypocrita nojento!

E dizem-nos que ha liberdade em Portugal, que ella existe á custa do sangue de milhares de portuguezes que sacrificaram a sua vida e fazendas, no campo das luctas fraticidas. E' mentira, não existe semelhante cousa, é uma hypocrisia tal direito chamado de liberdade.

Se querem a prova perguntem ao snr. Macedo e aos sicarios que o acompanharam no dia 8. Elles dirão que a liberdade está na força das suas navalhas, e na bocca dos rowolvers que n'aquelle dia empunhavam, ameaçando os 17 eleitores da casa das Nogueiras.

Elles dirão que o direito d'aquelles 17 eleitores estava na ponta das baionetas das armas Kropatschek que tinham á sua disposição.

A liberdade é uma ficção.

A liberdade, quando a força quer dominar o direito, é a tyrannia encapotaada, é o despotismo encoberto.

Onde está o acatamento das leis do paiz, a continuação das tradições democraticas e liberrimas que desde muitos annos florescem em Portugal? Estão na vontade despotica e tyranna do snr. Macedo, coadjuvado pela auctoridade administrativa.

E' assim que o snr. administrador do concelho cumpre as disposições da Portaria de 16 de Dezembro do anno passado, que o manda alhear-se completamente das luctas dos partidos na eleição das commissões do recenseamento eleitoral?

O snr. Macedo, fazendo, ou melhor, dando como feita uma eleição sem a reunião de todos os eleitores, sem as formalidades legais e indispensaveis, sem o concurso de todos aquelles que tinham o incontestavel direito de intervir n'aquelle acto imagina

que conquistou uma grande popularidade, um grande nome, que alcançou uma brilhante victoria, uma corôa de louros, e que por aquelle feito *maravilhoso* tom jus ás palmas da população inteira, da admiração de toda a gente!

O sr. Macedo, simplesmente alcançou direito a usar *umas armas de S. Francisco em direcção opposta*.

Divorciou-se na opinião publica da escassa sympathia que já tinha, com a pratica dos actos criminosos, concitou e chamou sobre si odios profundos e rancores terriveis.

As suas façanhas (ainda não chegamos á melhor) conquistaram-lhe um logar proeminente, mas era nas quadrilhas do José do Telhado, ou do João Brandão se ainda existissem.

Dizia o sr. Macedo com toda a força dos seus pulmões, referindo-se aos regeneradores da casa das Nogueiras,—não vençem a eleição, não consinto, não quero que ganhem!

Isto é que é um cação de cebo!

N'esta situação o sr. Macedo deixou de ser um homensinho catracego, que frequentemente se encontra por essas ruas aparvalhado, a contar as pedras da calçada, para assumir um papel importantissimo, tal qual o que lhe competia como chefe d'uma quadrilha que assalta os viandantes na estrada publica. Parecia uma Bonga, o senhor de uma haringa, um régulo no Kravel, um Mutassa, um Matabelle.

Emfim, a sua attitude era verdadeiramente selvagem!

Pena foi que não apparecesse de tanga á cinta e pennas d'abstruzes no chapéu.

Estava o *Rei* nos seus estados, nos seus vastos dominios. Não admittia ninguem alli mandasse que usasse dos seus direitos.

Era um autocrata!

Estava ali um poderoso tentado que não conhecia outra lei senão a sua vontade.

Faltou vel-o de palanquim no meio da sua côrte.

O sr. Macedo commetteu um crime atroz, revoltante; attentou e consumou um crime nefando contra as liberdades publicas e direito dos cidadãos.

E' forçoso ser punido rigorosamente, e para isso se appellou já para os tribunacs competentes.

Dizia o sr. Macedo com aquella petulancia que todos lhe conhecem, quando tem as costas guardadas, com o direito da força das suas guerrilhas arremetadas nos matadouros, nas tabernas e nas tavolagens: sr. Corrêa, assim nos havemos defrontar por alguns annos, *empregarei todos os meios sejam elles quaes forem*.

Que gloria, que honra, que dignidade para tão grande tentado, expulsar por meio da força, brutalmente, os seus adversarios, sabendo d'antemão que seria por elles legitimamente derrotado.

O apparecimento de mais um eleitor, foi como diz o vulgo, um raio que lhe cahiu em casa; não o esperavam, ficaram atarrados, e, só o meio que empregaram os poderia salvar.

Foi depois d'este *feito maravilhoso* que o Bonga ordenou á sua gente que fizesse a eleição; perdão não foi uma eleição, mas sim um simulacro, uma parodia,

uma cousa pífia sem significação alguma, que para escarneo mandaram affixar no atrio do edificio da camara.

O que se passou no dia 8 do corrente mez podia acarretar as mais sérias e lamentaveis consequências. Se não fosse a muita prudencia com que se conduziu o grupo politico da importante casa das Nogueiras, teriamos hoje a villa do luto.

Supponhamos que a despeito da força, aquelle grupo politico pretendia entrar no edificio que lhe estava vedado, que uma violencia requeria outra, que se trocavam de parte a parte tiros e punhaladas, e que no fim da refrega appareciam no campo muitos homens mortos? Quem respondia pela perda d'aquellas vidas cruamente roubadas?

Sómente o sr. Macedo, em matrimonio com o sr. Antonio Borges.

Quem respondia pela desgraçada situação em que podiam ficar muitas familias? Sómente o sr. Macedo.

Tudo que apontamos podia muito bem acontecer para satisfazer uma estulta vaidade de fazer politica, sem tino nem aptidão para isso e elementos homogeneos, que dão a força de coesão.

Ha muito que o sr. Macedo estava condemnado como um politico inhabil e desastrado; este acontecimento veio exaustoral-o completamente, veio collocar-o n'uma situação desgraçadissima.

O seu perfido procedimento foi um aviltamento arremessado ás faces d'uma villa inteira que se presa, que se tem honrado pela sua urbanidade. O sr. Macedo deshonrou a sua terra envergando uma capa de capitão de guerrilhas.

Desmoralisou-se e desmoralisou a sociedade que o tem recebido em seu seio e o olhava com certa consideração.

Dizem os numerosos amigos do sr. Macedo, que era preciso aquelle acto de força, . . . e com isto se defendem do crime que lhe imputamos. Não é força no sentido que lhe querem dar, mas sim uma violencia; o atropello das leis feito por um homem revestido em auctoridade, que julga ter nas baionetas elemento para suffocar a resistencia legitima. Não é força mas prepotencia, todo o acto despotico e brutal, que contraria a moralidade e a justiça, que offende a liberdade e o direito.

Para o sr. Macedo a lei é uma palavra vã ou morta, uma cousa infima sem significação. O decoro uma phrase sem sentido.

Transformou a villa n'um paiz em que tripudiam selvagens, commandados ou patrocinados, á luz do dia, pela auctoridade, que abusa descaradamente das suas funcções.

O sr. Macedo, na louca ambição de fingir uma popularidade que não tem nem terá, quiz ganhar a eleição dos 40 maiores contribuintes, e para isso não se acobardou perante cousa alguma.

Não tripudiou nem vacilou perante a ideia d'um crime. Saltou por cima de tudo.

O sr. Macedo, em companhia d'uma turba de sicarios, seus dignos correligionarios, commetteram na noite de sete d'este mez um monstruoso crime, na pessoa do sr. dr. Claudino de Moraes, crime previsto e punido

pelos artigos 328, a 335, do codigo penal de 16 de setembro de 1886.

Para que o sr. dr. Delegado promova a competente querella contra os malfetores, vamos publicar os nomes dos scelerados que tomaram parte no crime, revestido de todas as circunstancias aggravantes, são: Diogo de Macedo, Ricardo de Macedo, seu filho; José Affonso d'Oliveira Soares; Camillo Guedes Castello Branco; Lucas Maria Mosqueira, gallego, zelador municipal Alexandre de Carvalho, zelador municipal.

O crime foi commettido de noute, em logar ermo, e por mais d'uma pessoa.

Em correspondencia especial trataremos d'este assumpto, pois que, pelas circunstancias em que foi perpetrado, despertou como não podia deixar de ser, a mais monumental indignação.

—Cá temos novamente o suino que occupa um cortelho na redacção do "Jornal do Douro," a pretender sujar-nos as botas com as trombadas que dá na lama e na immundicie em que chafurda.

D'esta vez é mal succedido. Podiamos dar-lhe o troco que merece a sua linguagem porca e obscena, porque não sabe outra; entendemos portanto que é deitarmos perolas a porcos, e por isso desistimos de lhe darmos esse gostinho.

Respeitamos bastante a alta e magestosa instituição da imprensa, temos por ella uma profunda consideração e entendemos que não devemos manchar as columnas d'um jornal que delicada e graciosamente nos é cedido, para nos occupar-nos d'umas miserias criaturas que nos causam nojo, cuja presença por logo nos mostra que está ali um leproso, um crapulo, ou um desgraçado armando á compaixão publica.

Por estas razões não mais lhe daremos importancia, porque, simplesmente se um burro nos dér um coice não o havemos chamar aos tribunaes.

Vá em paz, e que os cães se compadeçam dos vossos ossos, porque os vossos escriptos nem na retrete os tornaremos a lêr.

—Tinhamos uma certa consideração por um paspalhãosinho que á falta de homens exerce um logar da fazenda n'este concelho, mas o biltresinho deitou agora o focinho de fóra e está-nos mostrando o que é e o que vale. Opportunamente nos occuparemos d'este animal, que a julgar pelo seu zurrar, nos parece um asinino que ainda não está classificado na escola dos da sua especie.

Desculpe o quadrupedante que não perde com a demora —Esteve n'esta villa o sr. dr. José d'Alpoim Borges Cabral, deputado da nação.

—Consta que muitos individuos, assignantes do "Jornal do Douro", vão despedir aquelle jornal, em consequencia da maneira indigna como noticiou o resultado da eleição dos quarenta maiores contribuintes. Effectivamente aquelle papelucho está sendo tão immundo na redacção, que ninguem lhe liga a menor importancia.

—O importante e valioso grupo politico da casa das Nogueiras, vae constituir um centro que será installado na casa

onde está a redacção do "Jornal do Douro."

—Falleceu ha dias o sr. Francisco Gonçalves Gomes, vice-consul de Hespanha n'esta villa. O enterro foi mandado fazer a expensas da casa das Nogueiras.

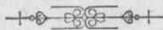
—O sr. dr. Joaquim Claudino de Moraes, vae dar parte para juizo das violencias de que foi victima na noite de sete do corrente.

Movem-se grandes diligencias para dissuadir sua excellencia, que se mostra inabalavel na sua resolução.

—Hontem á noute o sr. Camillo Guedes, ameaçou o nosso amigo o sr. Seraphim d'Assumpção de lhe quebrar a cara, caso seja elle o auctor d'estas correspondencias. Achamos atrevida e petulante semelhante ameaça, quando é certo que o sr. Assumpção não tem tido a minima intervenção no que temos escripto, sendo completamente alheio a estas questões.

Leviandades d'estas, chegam a ser criminosas.

\*\*\*



PUBLICAÇÕES

Recebemos.

—O n.º 24 do 5.º anno da «Revista do Fóro Portuguez» de que é redactor o sr. barão do Paço-Vieira, Alfredo.

Na secção doutrinal publica uma allegações juridicas em que se interpretam os artigos 367, 354, 340 e 380 do Código Commercial verbo e os artigos 335, 301, 290 e 317 do actual codigão.

Na secção da jurisprudencia dos tribunaes publica varios accordões do Supremo tribunal de justiça com data de 14 de novembro de 1890, 31 d'outubro do mesmo anno.

Sobre orphanologia duas minutas.

Um accordão da Relação do Porto sobre direito commercial com data de 16 de dezembro de 1890, e duas sentenças proferidas em primeira instancia.

Agradecemos.



ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar, e cartorio do Escrivão Coelho correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no "Diario do Governo," citando os herdeiros do reverendo Roberto Gonçalves de Sá, abbade que foi da freguezia d'Esmoriz, pessoas incertas para na segunda audiencia d'este juizo findo o praso dos editos, verem accusar a citação e louvarem-se em arbitros commerciaes necessarios perante os quaes Manoel dos Santos Loureiro, abbade de São João

de de Vês e Bento Gomes dos Santos de Gueifaz, ambos da comarca da Feira, pretendem propor uma acção commercial contra os referidos herdeiros d'aquelle abbade para lhe pagarem a quantia de tresentos mil reis que o mesmo lhes devia.

Ovar, 13 de janeiro de 1891

Verifique axactidão

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho (53)

Annuncios

Agradecimento

Os abaixo assignados, sumamente gratos a todas as pessoas das suas relações que se dignaram comprimental-os pela chorada morte de seu irmão, cunhada e tio José Pinto da Cunha Teixeira, protestam o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 7 de janeiro de 1891.

Angelina Rosa Pinto d'Oliveira. Maria Adelaide Pinto da Cunha Teixeira.

Hypolito Pinto da Cunha Teixeira Manoel Martins d'Oliveira Vaz. Manoel Bernardino d'Oliveira Vaz. Maria Benedicta Pinto Vaz e Silva.

Maria José d'Oliveira Vaz. Sophia d'Oliveira Vaz. Anna Victoria Rodrigues Teixeira João Nunes da Silva. João Baptista Nunes da Silva.

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.ª edição revista, augmentada e precedida

d'um

ESBOÇO BIOGRAPHICOS

POR

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

1 vol. br.... 300 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeiros, 18, e 16—Porto.

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa na rua da Oliveirinha que foi da Leôa com caminho de carro e de poço.

Quem pertender dirija-se á rua da Fonte a casa de Manoel Martins d'Oliveira Vaz.

OVAR.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grandes enação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pagão no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcédível regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Literaria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerqueira.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

DE

Julio de Magalhães

4 volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS A distribuição começará em 3 de maio proximo. Brinde a todos os assignantes

EDITORES—BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

O MARIDO

A melhor producção de ÉMILIE RICHEBOURG

EDICÃO ILLUSTRADA COM CHROMOS E GRAVURA

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 reis Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato

representando o PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO E SEU JARDIM

Com as margenes me de 60 por 73 centimetros.

Brindes a quem prescindir da commissão de 20 p. c. em 3, 10, 15, 20 e 40 assignaturas

Editores: BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, — 29 LISBOA

## A AVÓ

POR

## ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émile Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indiscriptiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrependimento e pelas lagrimas—lagrimas terribes que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavizadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.<sup>a</sup> de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahio da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numero de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attraentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joeiho e resumida, o que representou uma corte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanais de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto, as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em exte n são 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris  
por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, de uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase ao espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.<sup>mo</sup> sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 4 volumes ou 18 fasciculos em 4.<sup>o</sup>, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que anariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACÃO

Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4  
PORTO

## LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo sr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande reduccão nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTA DE GUIA DE

CASADOS, por D.

Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 réis

A ESPADA D'ALE-

XANDRE... 240—120 »

LUIZ DE CAMÕES,

nota biographicas av. 400—200

SENHORA RATTAZZI

1.<sup>a</sup> edição..... av. 160—60 »

SENHORA RATTAZZI

2.<sup>a</sup> edição..... av. 200—100 »

QUESTÃO DA SEBENTA (aliás

Bollas e Bullas:

Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECCO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidos sem diversas epochas pelo auctor falcido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, successores,

Clerigos, 960—PORTO.

A C. Callisto... av. 60—30 »

Notas ao folheto do dr.

A. C. Callisto... av. 60—30 »

A Cavallaria da Sabenta..... av. 100—50 »

Segunda carga da cavallaria..... av. 150—75 »

Carga terceira, trepica ao padre..... av. 150—75 »

## O ESPETRO

Pampheto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisação,  
rua de Santo Ildefonso, 12.Em Lisboa, travessa de  
Santa Justa, 65, 2.<sup>o</sup>

## ASSIGNATURA

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

Mez..... 200

## Avulso 50 réis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes  
administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

## Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 me-

zes)..... 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceptam assignaturas

por menos de 12 numeros, pagas

adiantadamente.

Toda a correspondencia deve

ser dirigida para a Redacção da

«Gazeta Administrativa» — Villa

Real.

Pelos paquetes de primeira ordem

dão-se passagens gra-

tuitas a individuos solteiros,

homens ou mulheres, que ten-

ham mais de 17 e menos de

51 annos de idade, para dif-

ferentes terras dos Estados

Unidos do

## BRAZIL

e principalmente para o Rio  
de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

## EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigoroza promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

## MANUAL

DO

## PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL  
ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

## BRAZIL

e principalmente para o Rio  
de Janeiro e S. Paulo

## EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.